

“CADÊ A MAGIA QUE ESTAVA AQUI?” – O QUE AS CRIANÇAS CONHECEM DOS CONTOS INFANTIS CLÁSSICOS?

Vanessa Vidor Duarte¹

“Clássico não é livro antigo e fora de moda. É livro eterno que não sai de moda”.
Ana Maria Machado. 2002.

Eu poderia começar este texto com o clássico enunciado “era uma vez”. Três palavras que dão logo indícios de que alguma história mágica e eterna está para começar. Uma fórmula de abertura das narrativas infantis, mais precisamente os contos de fadas - bastante conhecida e supostamente incorporada pelos pequenos leitores. Mas prefiro deixar os bordões para mais adiante, e contar ao leitor, em primeiro lugar, os motivos que me levaram a escrever sobre este universo dos contos. Devo então dizer que tudo começou ainda na minha infância, em um lugar cheio de lembranças de cores, cheiros, sons e palavras: a casa dos avós. Foi onde tive um dos contatos iniciais com a literatura. E foi logo pela literatura dos contos de fadas clássicos, em uma coleção de capa negra e interior colorido², cheio de encantos e enredos que eu lia e relia toda vez que para lá ia. Lembro até hoje da minha tristeza ao ler o final da história da *Pequena vendedora de fósforos*, e do meu riso com as aventuras do João, em *Joãozinho e os feijões mágicos*. Eram livros grandes, com a capa dura em cor negra, com as letras que formavam os títulos coloridas. Recordo ainda do recurso utilizado na capa, uma espécie de desenho em 3D, que se movia conforme o manuseio do livro. Lembranças e detalhes que ficaram na minha memória junto com os enredos que tanto me fascinavam.

Creio que este meu encontro com os clássicos infantis, desde cedo, abriu portas e janelas para leituras posteriores, de literatura clássica juvenil e, posteriormente, adulta. Ana Maria Machado, em seu livro “Como e por que ler os clássicos universais desde cedo”, aborda este aspecto, ao trazer a importância desta leitura inicial, afirmando que:

Se o leitor travar conhecimento com um bom número de narrativas clássicas desde pequeno, esses eventuais encontros com nossos mestres da língua portuguesa terão

¹ Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Alfabetização e Letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pela Faculdade de Educação/UFRGS, concluído no ano de 2013.

² Coleção “No País das Maravilhas”, da Editora Record, com edições de 1972.

possibilidades de vir a acontecer naturalmente depois, no final da adolescência. (Machado, 2002, p.13).

Fazendo um salto no tempo, chego à minha sala de aula, no ano de 2011, em uma turma de alfabetização da rede privada de Porto Alegre³. Os momentos de leitura de diferentes livros de literatura infantil, incluindo nestes as contações de histórias, com ou sem o suporte do livro, faziam parte da rotina da turma. Em um desses momentos, comecei a narrar à turma a história da *Rapunzel*. Os olhos vidrados, as emoções, a cada entonação diferente da minha voz, assim como os sorrisos e expressões dos rostos foram sendo percebidos naquele instante, que poderia ser denominado como um espaço de encantamento. Ao final, a turma comentava sobre a história recém-contada, e frases como “ah, essa é a Enrolada⁴; não, a Rapunzel, profe!”, soaram como um alerta para mim. Afinal, meus alunos conheciam as histórias infantis clássicas? Quem estaria contando essas histórias a eles? Tal acesso se daria pela via dos filmes infantis? Penso ser importante ressaltar que o gosto pelo cinema, sob meu ponto de vista, deve ser incentivado, pois este gênero também se configura como um artefato relevante da nossa cultura, e como nos traz Machado:

Navegar pelos clássicos não significa apenas leitura de livros. O cinema tem nos trazido bons filmes inspirados neles, em versões mais ou menos fiéis, mas que não devem ser esquecidas como possibilidade de contato com esse tesouro. (2002, p.65)

No entanto, no que eu pensava era sobre a possibilidade de crianças-alunos terem suas primeiras experiências com histórias da literatura clássica, por outros meios que não fossem os livros ou a oralidade, ou seja, na sua mais pretensa “originalidade”. A partir dessas experiências e indagações, foram surgindo algumas questões, as quais acredito serem significativas para o trabalho docente, principalmente no que diz respeito à formação dos leitores iniciais. Afinal, o que as crianças conhecem dos contos infantis clássicos? Em que espaços e suportes elas localizam esse tipo de narrativa? E ainda, como a escola impulsiona a experiência com os contos clássicos? Ou seja, que tipo de acervo a escola, suas bibliotecas e mediadores de leitura vêm oferecendo para que os alunos façam suas escolhas de leituras? Sabemos que o “conteúdo” dos contos clássicos – personagens, enredo, cenário espaço-temporal etc.

³ Escola da rede privada de Porto Alegre, na qual leciono em uma turma de alfabetização dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

⁴ Filme da Walt Disney, inspirado no conto dos Irmãos Grimm, Rapunzel, do ano de 2010. Segundo o site do filme, é “história muito divertida e que nunca fora contada”.

– são acionados em outros suportes, em outras versões. De que modo o conhecimento prévio dos alunos (ou sua ausência) sobre o repertório de contos clássicos incide na compreensão dessas novas versões?

E assim, depois desta breve introdução, creio que estamos (leitor e eu) preparados para dar continuidade ao “Era uma vez...” deste texto.

*“Mudaram leitores, hábitos e gostos, mas a fantasia continua sendo um ingrediente precioso na sedução do leitor.”
Vera Teixeira de Aguiar. 2001.*

A literatura infantil, para chegar ao que conhecemos hoje, passou durante a história por inúmeras transformações e adaptações. Teve início muito antes da Idade Média – pois, como nos traz Machado (2002), há conhecimento de uma versão de *Cinderela* no antigo Egito – época em que temos conhecimento das narrativas de tradição oral, que quase nunca tinham como destinatárias as crianças; segundo Aguiar:

Os contos de fadas em sua origem não eram destinados à criança, nem faziam parte da educação burguesa. Na Idade Média, sua função era a de expressar, de forma simbólica, os conflitos dos camponeses – camada inferior extremamente explorada – com os senhores feudais, que eram os donos da terra e viviam como reis naquele tempo. (2001, p.79)

Com a oralidade, era fácil que as histórias contadas se perdessem e se modificassem muito ao longo do tempo, ganhando ou perdendo elementos importantes. Foi Charles Perrault que, em 1697, realizou a primeira coletânea destes contos populares, publicando e os tornando de fácil acesso às crianças da corte. No entanto, os responsáveis pela popularização dos contos foram os irmãos (Wilhelm e Jacob) Grimm, que na Alemanha de 1802 – mais de um século depois - organizaram os mesmo contos de Perrault e tantos outros. Enquanto o primeiro se preocupou em imprimir na sua obra um tom moralizante e elitista, a obra dos Grimm “tinha como objetivo preservar um patrimônio literário tradicional do povo alemão e colocá-lo ao alcance de todo mundo.” (Machado, 2002, p.71), intenção clara no título dado à obra: *Contos para o Lar e as Crianças*. No entanto, importante constatar que a publicação do livro de Perrault, no século XVII, provocou mudanças no cenário da literatura infantil, como afirmam Lajolo e Zilbermann:

Perrault não é o responsável apenas pelo primeiro surto de literatura infantil, cujo impulso inicial determina, retroativamente, a incorporação dos textos citados de La Fontaine e Fénelon. Seu livro provoca também uma preferência inaudita pelo conto de fadas, literalizando uma produção até aquele momento de natureza popular e circulação oral. Adotada doravante como principal leitura infantil. (1999, p.16)

No entanto, quem é, por muitos, considerado “o pai da literatura infantil” é o dinamarquês Hans Christian Andersen, que realizou também uma compilação de narrativas infantis. Seu diferencial, todavia, foi a criação de tantas outras histórias infantis, que traziam muito de sua personalidade: “uma visão poética misturada com profunda melancolia.” (Machado, 2002, p.72). Alguns exemplos de suas obras são: *O Patinho Feio*, *A Pequena Sereia* e *O Soldadinho de Chumbo*, sendo estas duas últimas amplamente exploradas em filmes pela Disney⁵.

Colomer ressalta que, apesar da grande presença de obras ao longo da história, “somente a partir do século XVIII pode considerar-se que existem livros dirigidos a crianças e adolescentes, como um fenômeno cultural de certo valor.” (2011, p.13) Com o tempo, outros autores surgiram, buscando dar identidade à nova e recém-descoberta literatura infantil, como foi o caso na Inglaterra de Oscar Wilde, com obras como *O Rouxinol e a Rosa*, e já no século XX, o italiano Ítalo Calvino, com a organização de suas *Fábulas Italianas*.

Em se tratando de leitura, segundo Kaercher, ela:

[...] é percebida como um ato social, coletivo, e como sinônimo de fala (lê-se com os outros e em voz alta) e que, só posteriormente, passa a ser um ato individual – pode ser partilhado – e que não envolve a fala [...] (2010. p.62)

Sendo assim, é um ato carregado de sentidos e significações. Quem lê, faz uso de sua memória de leitor para atribuir novo sentido e resgatar tantos outros, como afirma Goulemot:

O livro lido ganha seu sentido daquilo que foi lido antes dele, segundo um movimento redutor ao conhecido, à anterioridade. O sentido nasce, em grande parte, tanto desse exterior cultural quanto do próprio texto e é bastante certo que seja cheio de sentidos já adquiridos que nasça o sentido a ser adquirido. Reencontramos ao ler. Todo o saber anterior – saber fixado, institucionalizado, saber móvel, vestígios e migalhas – trabalha o texto oferecido ao deciframento. (1996, p.115)

Dessa maneira, destaco a importância de, ao ler-se (ou permitir que ele/a leia) para uma criança-aluno, realizar boas questões de inferência, ou seja, antes mesmo de

⁵ *A Pequena Sereia* foi lançada pela Disney no ano de 1989, e neste ano de 2013 foi relançado um DVD comemorativo. Já *O Soldadinho de Chumbo* foi adaptado para um dos segmentos do filme de animação *Fantasia 2000*, da Disney. O mesmo conto também serviu de inspiração para o filme *Toy Story*, igualmente produzido pela Disney.

Fontes: http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Soldadinho_de_Chumbo
<http://www.disney.com.br/pt/search/index.jsp?search=a+pequena+sereia>
http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Pequena_Sereia_%28filme%29

apresentar o livro, propor tantas possibilidades que as façam refletir sobre o que ainda não leram, não conhecem; realizar, assim, um processo de busca e resgate em suas memórias de leitores, que facilitará o processo de significação e a atribuição de sentidos à leitura. Colomer nesse sentido, afirma que:

O texto e o leitor interagem a partir de uma construção do mundo e de algumas convenções compartilhadas. Isto é, a partir de uma imagem da realidade, que se denomina “repertório”, e que se acrescenta à existência de “estratégias” utilizadas tanto na realização do texto por parte do autor, como nos atos de compreensão do leitor. Repertório e estratégias constituiriam, pois, a base fundamental na qual se desenvolve o ato da leitura. (2011. p.96)

Como já referido em outra parte deste texto, a problemática da qualidade da leitura realizada pelas crianças hoje, principalmente as que estão em idade escolar, foi um dos fatores que me impulsionou a escrever sobre essa questão. Creio que a leitura de livros com temáticas modernas e ao alcance das suas vivências é de fato relevante e tem papel fundamental no trabalho escolar, como, por exemplo, histórias carregadas de rimas e aliterações, essenciais para o processo de alfabetização e letramento.

No entanto, acredito também que muito se perdeu da fantasia e imaginação que os contos de fadas clássicos abordam. Estas histórias apresentam características que são importantes tanto nos processos de aprendizagem escolar, como nos de vivências extraescolares. Para Aguiar, os contos de fadas são considerados exemplos de narrativas nesse sentido, pois:

[...] apresentam uma situação inicial e evoluem para um conflito que exige um processo de solução para, enfim, chegar a um sucesso final. Tal fórmula é repetida na maioria das histórias infantis, independentemente de serem contos de fadas ou não. (2001, p.78)

Sendo assim, este gênero propicia ao jovem leitor a experiência de enfrentar e buscar resolver os conflitos da história lida, conflitos que podem também fazer parte dos seus próprios medos e incertezas. No entanto, apesar da importância que essas narrativas possuem, há certa diferenciação entre os contos de fadas e os outros clássicos. Como Machado (2002) ilustra, tais histórias nem sempre são acompanhadas do prestígio que outros clássicos possuem, por se tratarem de narrativas oriundas da oralidade popular. Apesar disso, segundo a mesma autora, essas obras exercem tanta ou até maior influência na nossa cultura.

Cabe aos professores escolher a melhor forma de incluir, dentro da sala de aula, o “melhor” dos contos clássicos e das histórias contemporâneas. Utilizar ambas a favor

da imaginação e para despertar o gosto pela leitura é, sem dúvida, um dos deliciosos desafios da formação literária.

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.”

Ítalo Calvino, 2013.

Contar e recontar histórias. Foi essa prática, que tanto me fascina, a escolhida para produzir os dados que serão aqui apresentados. Estar em contato com os alunos, ler histórias, contar e repeti-las até que se deem por satisfeitos com o enredo que os enlaça pela literariedade é, sob meu ponto de vista, uma das oportunidades em que mais nos aproximamos dos pequenos. Hora em que a magia toma conta do lugar e das nossas palavras e assim, letra após letra, frase por frase, vai-se tecendo uma linha imaginária de sentidos e emoções. Cabe a nós, adultos letrados que somos, oportunizar aos jovens leitores essas ricas situações, pois, como Machado (2001, p.116) afirma, o que leva uma criança a ler é o exemplo, pois trata-se aqui de um ato cultural, e não natural como supõe-se.

Iniciei a coleta e seleção de dados com um “Tema Especial de Férias” para os alunos das turmas por mim escolhidas⁶. Pedi que, durante as férias de inverno (duas semanas finais do mês de julho de 2013), escolhessem um livro que lhes agradasse e lessem para que, na volta às aulas, me mostrassem suas escolhas. Segue abaixo quadro com o material coletado através desta atividade:

TABELA DE LEITURAS REALIZADAS PELAS TURMAS DE 2º ANO NO MÊS DE JULHO/2013.		
LIVRO ESCOLHIDO	AUTOR	COMENTÁRIOS
A tiara da Clara	Ilan Brennman	
As coisas que a gente fala	Ruth Rocha	
As histórias e os lugares	Elias José	
* Clássicos inesquecíveis - O Mágico de Oz		
* Coleção As mais belas histórias de boa noite. O Pequeno Polegar		
* Coleção As mais belas histórias de boa noite. O Soldadinho de Chumbo		
Dinossauros Estegossauro	Texto de Paulo Moura	

⁶ Escolhi as duas turmas de 2ºano da escola na qual leciono. Primeiro, pelo fato de as crianças estarem alfabetizadas e, neste caso, por possuírem, supostamente, um maior conjunto de leituras realizadas; segundo, porque algumas das crianças já haviam sido minhas alunas no ano anterior. Destaco, também, a acolhida positiva da escola em relação a este estudo.

HQ Turminha da fé		
Livro dos Medos	Donaldo Buchweitz	
Miau! Miau!		
O olho do consumidor	Ziraldo	Coleção do Min. da Agricultura
O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado	Don e Audrey Wood	
* Os mais famosos contos de Andersen. A Pequena Sereia		
Pinote, o fracote e Janjão, o fortão	Fernanda Lopes de Almeida	
Polly na Praia		
Por que devo me lavar?	Claire Llewellyn e Mike Gordon	
Queridos cãezinhos	Helen Exley	
Tom e Jerry – Os piratas		
Três vezes Maluquinho	Ziraldo	
Tudo sobre seu cãozinho	Bradley Viner	
Zac Power – 24h para salvar o mundo... E passear com o cachorro! – Missão Ilha do Veneno.	H.I. Larry.	

* Em destaque, as obras que se enquadram no gênero dos contos clássicos.

Nesta coleta inicial de dados, pode-se perceber um número bastante pequeno de livros com histórias clássicas/contos de fadas – de 21 livros escolhidos pelas crianças das turmas, apenas 4 se enquadram no gênero em questão. A partir desses dados iniciais, refleti não somente sobre a aparente falta de interesse dos alunos em ler livros com histórias clássicas e contos de fadas, mas também sobre a qualidade dos livros que estão sendo disponibilizados no mercado editorial incluindo literatura infantil. É preocupante, em minha opinião, que crianças, em fase de sua formação leitora, se ocupem, durante as férias (e talvez em outros momentos), com um rol pouco variado de leituras, como manuais de defesa do consumidor (O olho do consumidor, Ziraldo) e livros de imagens de animais de estimação (Miau! Miau!). Evidentemente, é preciso pensar no acervo à sua disposição, nos critérios quanto à aquisição de livros, os quais envolvem múltiplos fatores, entre os quais tempo para escolha de exemplares, requisitos para uma seleção qualificada, poder aquisitivo etc. Nesse sentido, Machado faz uma importante reflexão:

Cada vez se edita mais, certo? Os números crescem e se multiplicam. Mas o que se edita? O que se lê? O que se dá para crianças e jovens lerem? [...] o importante não é multiplicar uma leitura de consumo, mas, sim, garantir o encontro com a literatura. (2001, p.122)

Na segunda etapa de produção de dados, selecionei três alunos de cada turma, totalizando seis crianças. Foram planejados e realizados encontros de aproximadamente uma hora, onde foram feitas gravações de áudio das contações de histórias e das inferências realizadas pelos alunos. Acredito ser importante esta gravação, pois foi a partir dela que realizei a seleção/produção dos dados, sob um olhar apurado nos elementos mais significativos à pesquisa. Além disso, anotações sobre suas reações, gestos e comentários iniciais diante do livro foram registradas em uma ficha de apoio às contações, com itens que foram úteis para, no momento de organização dos dados, retomar algumas atitudes dos alunos.

Os encontros deram-se na modalidade de grupos focais, modalidade de pesquisa que foi ao encontro dos meus objetivos, pois, como afirma Gomes (2005, p.279), visa “extrair das atitudes e respostas dos participantes do grupo sentimentos, opiniões e reações”, além de se utilizar de roteiros de questões e respostas para análise dos indivíduos do grupo. No primeiro encontro, foi realizada a contação da história *Chapeuzinho Vermelho* obra, segundo a editora, de autoria dos irmãos Grimm, com tradução de Samuel Titan Jr. e ilustrações de Susanne Janssen (COSACNAIFY, 2008). Neste dia, as seis crianças selecionadas participaram. No segundo encontro, apresentei às três crianças presentes a obra *Rapunzel*, também de autoria dos irmãos Grimm, traduzida por Maria Heloísa Penteado e ilustrada pela artista russa Anastassija Archipowa (ÁTICA, 1998). E por fim, a história de Pinóquio - *As aventuras de Pinóquio – a história de um boneco* - foi contada às crianças, também em número de três, em uma edição traduzida do original de Carlo Collodi por Ivo Barroso, e, segundo minha leitura, muito bem ilustrada por Alex Cerveny (COSACNAIFY, 2012). Sobre essa obra, Machado traz importante colaboração:

As Aventuras de Pinóquio, de Carlo Collodi, é de 1883. Todo mundo conhece a versão, muito graciosa mas inteiramente deturpada, que Disney deu para este que é o mais traduzido de todos os livros infantis e pode ser encontrado em mais de 200 idiomas. (2002. p.119)

Infelizmente, por motivos de tempo, a história não foi contada na íntegra para as crianças. Um fato que lamento, visto que a empolgação das crianças com a obra me

surpreendeu positivamente, dado seu grande número de páginas, que elas interpretaram como sendo “um livro de adulto”⁷.

Seguem imagens e pequena sinopse (retiradas dos sites das editoras) das obras utilizadas na pesquisa:

	<p>O clássico conto recolhido pelos Irmãos Grimm ganhou roupagem moderna. O texto manteve-se inalterado, mas as ilustrações penetram camadas ocultas do imaginário infantil, reafirmando o universo assustador e original da história. Dotada de uma sensibilidade expressionista, a ilustradora alemã Susanne Janssen carrega nas tintas do Lobo. Para não falar das cores fortes, dos ângulos inusitados e da agudeza com que retrata Chapeuzinho Vermelho. http://editora.cosacnaify.com.br/Loja/PaginaLivro/10742/Chapeuzinho-Vermelho.aspx Site visitado em 09/11/13.</p>
	<p>Era uma vez uma linda moça de longos cabelos, encerrada no alto de uma grande torre... Era uma vez um homem que tinha sete filhos, todos meninos e... Duas encantadoras histórias clássicas, com texto em português de Maria Heloisa Penteadó e ilustrações da artista russa Anastassija Archipowa. http://www.atica.com.br/SitePages/Obra.aspx?cdObra=3895&Exec=1 Site visitado em 09/11/13.</p>
	<p>[...] Esqueça as adaptações em livro ou filme, que pasteurizam uma das histórias mais ricas e bem narradas da literatura. A tradução do texto integral de Ivo Barroso mantém o delicioso ritmo de folhetim associado a uma linguagem límpida do original. No posfácio inédito no Brasil de Italo Calvino, ele comenta a importância do livro: “não é possível imaginarmos um mundo sem Pinóquio”. Nas ilustrações exclusivas, Alex Cerveny utilizou a técnica cliché verre, do final do século XIX (contemporânea ao livro), na qual se chama uma placa de vidro com uma vela e desenha-se rapidamente sobre esta superfície com um objeto pontiagudo. O resultado são imagens oníricas de um Pinóquio nunca antes imaginado. http://editora.cosacnaify.com.br/Loja/PaginaLivro/11661/As-aventuras-de-Pin%C3%B3quio-hist%C3%B3ria-de-um-boneco---brochura.aspx Site visitado em 09/11/13.</p>

Além dessas intervenções com os alunos, observei junto à biblioteca da escola qual o acervo de livros é disponibilizado para que, semanalmente, as turmas escolham um título para realizar a leitura em casa. Separei, aleatoriamente, uma pequena amostra dos livros disponíveis, e, dentre os quarenta e três observados, apenas dois faziam parte do gênero dos contos clássicos infantis: *O Patinho Feio*, de Andersen; e *A Branca de Neve*, dos irmãos Grimm. Saliento que esses dois livros citados são parte de uma coleção de livros didáticos⁸, ou seja, estão no acervo da biblioteca de maneira não intencional. Creio ser importante destacar que, ao contrário das escolas da rede

⁷ Dado retirado das gravações realizadas durante as contações das histórias.

⁸ Coleção Marcha Criança. Editora Scipione.

pública, que contam com o grande incentivo do PNBE⁹, as escolas da rede privada de ensino possuem recursos próprios e, no caso desta escola, a profissional responsável pela biblioteca é quem garante a seleção do acervo de livros. Já o programa do governo conta com equipe nacional qualificada, que garante que os alunos recebam obras de qualidade e de grande variedade de gêneros literários.

Com base nesta produção e seleção de dados, me foi possível, juntamente com leituras e reflexões, iniciar o processo de análise dos referidos dados.

“Reimaginar o mundo e, nesse processo, conhecer-se [...]”

Ligia Cadermatori, 2009.

Imaginando, reimaginando e, a cada página lida, novas emoções, reações, dúvidas, constatações... São essas impressões, produzidas nas contações de histórias por mim realizadas, que venho apresentar agora. Como forma de melhor organizá-las, agrupei-as nos seguintes eixos: ilustrações, intertextualidade/polifonia, e as relações dos livros lidos com outros suportes, como internet e televisão.

Quanto às ilustrações:

Na escolha dos livros que seriam lidos às crianças, busquei levar em conta o aspecto visual das obras, com projetos gráficos que não se limitassem as cópias de filmes da Disney. Procurei originalidade e imagens que instigassem e que também dissessem algo ao leitor/ouvinte. Creio que este aspecto é fundamental na leitura, pois a ilustração há muito deixou de ser vista apenas como desenho repetindo o texto, e passou a ser parte fundamental para o entendimento e construção de significações pelo leitor. De acordo com Ramos e Panozzo:

Não há como negar o papel sedutor da ilustração no livro de literatura infantil. Contudo, seu desempenho vai além da sedução, do encanto, porque ela também diz e imprime materialidade à palavra, tornando-a mais acessível ao leitor, ou seja, atuando como elemento mediador na apropriação do simbólico e também provocando o leitor a ampliar suas redes semânticas postas pela palavra. (2012. p.36)

Ainda nesta perspectiva, Cadermatori afirma que:

⁹ Programa Nacional Biblioteca na Escola – “desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência.”
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12368&Itemid=574

As ilustrações deixaram definitivamente de estar a serviço do relato verbal para constituírem um outro texto – o imagístico – em interação com o verbal, mas de modo a terem autonomia ambos, que se revelam igualmente fundamentais. (2012. p.11)

Na obra *Chapeuzinho Vermelho*, as crianças realizaram diversas suposições, primeiramente através da observação da capa. O primeiro fato que lhes chamou a atenção foi a aparência do livro. Contei a eles que era uma história muito antiga, me referindo à autoria dos Grimm. No entanto, logo surgiu o comentário: “*mas dá pra ver que é antiga!*”, referindo-se à capa do livro, que apresenta cores frias e escuras e a imagem da personagem principal um pouco fora de foco. Além disso, outro fato que despertou interesse, e foi de fato predominante durante a contação da história, foi a comparação feita pelo grupo da figura da Chapeuzinho apresentada, que foge do padrão supostamente incorporado pelas crianças. A imagem de uma menina loura, meiga e com aparência infantilizada, contrastou com a da personagem de traços fortes e pouco delicados. Uma maneira que o grupo encontrou de expor esta diferença foi atribuindo uma doença à Chapeuzinho, afirmando que ela estava com câncer, pois estava careca – já que seus cabelos estavam presos e não podiam ser vistos esvoaçantes como na maioria das reproduções conhecidas da personagem. Outro fato observado pelo grupo foi a humanização do personagem do lobo. O grupo fez a constatação de que “*ele está bem realista*”, e apontaram diferenças em relação aos desenhos da Chapeuzinho e de sua mãe, não lhes atribuindo esta característica. Dessa maneira, é possível considerar as constatações de Ramos e Panozzo, que, em seu artigo sobre a ilustração nos livros infantis, trazem a questão da interpretação e da subjetividade implicada nos desenhos.

“A partir das relações estabelecidas entre os componentes organizadores de uma imagem pelo leitor, é possível organizar o sentido do texto visual, porque a forma de leitura de uma imagem é sempre particular, subjetiva, interpretativa.” (2012, p.27).

Em contrapartida, as críticas feitas às ilustrações da Chapeuzinho Vermelho – houve até uma sugestão de que a ilustradora “*caprichasse mais*” em seus desenhos – as imagens da *Rapunzel* e do *Pinóquio*, foram não só bem aceitas, mas também elogiadas pelo grupo. O grupo categorizou as imagens da *Rapunzel* como “*bem realistas*”, enquanto as ilustrações do *Pinóquio* foram, segundo a opinião das crianças, “*as mais bonitas de todas*”. Com base nos relatos das crianças acima citados, acredito

que a escolha de bons livros pelos professores deve também levar em conta os diferentes aspectos apresentados a respeito das ilustrações. Desenhos que digam algo além do texto, que complementem ao invés de apenas ratificar o que está escrito, que sejam capazes, junto com a história escrita, de provocar o leitor.

Polifonia / intertextualidade:

Durante as seções de contações de histórias, as crianças interagiram de diferentes maneiras com os livros. Através dessas interações, puderam expor seus conhecimentos prévios, opiniões e estabelecer relações entre a história lida e fatos de seu cotidiano. Dalla Zen ilustra estas relações, “relembrando que”:

[...] as negociações de sentidos acontecem quando os alunos relacionam o que leram-ouviram no/do texto com o que viveram ou conheceram na “vida real” ou no “mundo lá fora”, mesmo quando se trata de livros francamente ficcionais ou fantásticos, os quais, como sabemos, também são elaborados e baseados em experiências e vivências humanas. (2012, p.55)

Ao contar que havia uma garrafa de vinho na cesta que Chapeuzinho levava à sua avó, as crianças ficaram espantadas com a ideia de uma pessoa idosa beber vinho e também, possivelmente, pelo fato desse detalhe não estar presente nas obras mais enxutas que circulam na escola ou em suas casas. Logo veio o susto, tratei de explicar a relação de uma taça de vinho com a saúde, com as experiências culturais de algumas pessoas – há estudos que recomendam uma taça de vinho com garantia de benefícios ao coração. Então, surgiram as comparações com pessoas de sua família, como “*meu avô toma vinho.*” Tal relato aponta para as vozes do cotidiano, as quais atravessam as leituras. Outro fato relevante, que ilustra este aspecto, aconteceu durante a contação da história do Pinóquio, ao remeterem a divisão do livro em capítulos à forma de divisão das telenovelas. As crianças explicaram que, dessa maneira, a história não fica cansativa, e dá pra ver um pouquinho por dia. Surgiram também comparações com outros livros lidos por eles, como o fenômeno de vendas “Diário de um Banana”¹⁰ e livros de orações.

A essas relações acima, pode-se aplicar o conceito de polifonia - do Grego

¹⁰ Diary of a Wimpy Kid - em português: O Diário de um Banana - é uma série de livros escrita e ilustrada por Jeff Kinney, um norte-americano criador e designer de jogos online. [...] A história baseia-se num garoto que no seu dia-a-dia tem que lidar com os seus irmãos Rodrick e Manny, os seus pais e a escola. Além disso, tem o desejo de se tornar famoso e popular.
Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Di%C3%A1rio_de_um_Banana_\(s%C3%A9rie\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Di%C3%A1rio_de_um_Banana_(s%C3%A9rie))

POLYS, muito, mais *PHONOS*, voz, som ¹¹. Por Dalla Zen:

O conceito de polifonia chegou aos estudos de linguagem, ultrapassando as fronteiras dos estudos musicais, através de Bakhtin, em seus estudos literários, que sublinhava o quanto as palavras que cada falante utiliza estão sempre marcadas por outro/s que o precedeu/precederam e, de outro lado, por outros que estão presentes como imagens de interlocutores no enunciado de que fala/escreve. (2001, p.3)

Dessa maneira, as crianças ao remeterem situações das histórias lidas aos fatos do seu cotidiano, estão interligando as vozes de personagens reais – familiares, outros livros, filmes, novelas e tantos outros meios - a personagens fictícios das histórias clássicas. Pretendem até, mesmo sabendo-se impossível, mudar o curso do enredo, como ocorreu durante a leitura de *Chapeuzinho Vermelho*. No momento em que o lobo questiona à Chapeuzinho onde mora a sua avó, um menino com as mãos apertadas e apreensivo, sussurra ao meu lado: “*não diz...*”.

Intertextualidade - um desdobramento dessas relações dialógicas:

Relações com outras versões das histórias contadas também apareceram nas análises. As crianças sinalizaram uma versão de *Chapeuzinho Vermelho* em que o lobo é preso, ao contrário da versão por mim contada, em que o lobo é morto pelo caçador. Trouxeram também versões em que a menina foge ao perceber que será devorada pelo animal. Nesses casos, pode-se notar a presença de outras leituras realizadas pelas crianças, evidenciando seu conhecimento prévio das obras utilizadas.

A obra *Pinóquio* teve seu início bastante discutido pelo grupo. As crianças buscaram, em sua memória literária, diferentes elementos que, ou se opunham, ou complementavam a história que estava sendo narrada. Após escutarem o início do primeiro capítulo do livro, uma menina relatou diferenças com outra versão por ela conhecida: “*Era assim, era quase o mesmo começo, mas aí ele pegava um pedaço de pau e transformava no Pinóquio. Aí colocava ele dentro de uma gaiola e daí vem uma fada e disse que se ele mentia o nariz crescia. Daí ele mentiu, o nariz cresceu.*” Nota-se, nesses casos acima destacados, a presença da intertextualidade, que é vista como “um processo de relação entre textos, o que permite entender que já não se justifica a postulação da autoria única, da “originalidade” de um texto”. (Dalla Zen, 2001.p.3).

¹¹ <http://origemdapalavra.com.br/palavras/polifonia/>

As relações com outros suportes:

Através da análise realizada nas gravações de áudio, pude notar a forte presença de outros suportes onde as crianças também identificavam as histórias contadas. Assim, posso concluir que a literatura mistura-se, cada vez mais, no imaginário das crianças com aspectos da televisão e do cinema. Um exemplo aparece nas falas abaixo, no momento de observação do livro *Rapunzel*: “*Aluno 1: Ah, esse é o cara que quer roubar a coroa dela! - Professora: Quer roubar? - Aluno 2: É verdade! É o cara! - Professora: De onde? - Aluno1 e Aluno 2: Da Enrolada.*”

Durante a sessão de leitura da história *Chapeuzinho Vermelho*, as meninas do grupo principalmente, afirmaram ter visto essa história em forma de desenho animado e também em *dvd's* e livros onde a personagem ganhava a “interpretação” da boneca *Barbie*. Acredito que esses novos meios de conhecer as histórias clássicas estão inseridos de maneira bastante forte no processo de formação de leitores. Também acredito que, com outros recursos comunicativos e estéticos, a televisão, a internet e o cinema têm muito a contribuir neste processo. No entanto, ainda insisto que as leituras de obras clássicas também devem ser estimuladas (ou até iniciadas) pela via do livro de papel, em versão bem cuidada e com texto “tradicional”.

Machado corrobora esta ideia, da seguinte maneira:

Como o contato das crianças com os contos populares hoje em dia se faz basicamente pelos desenhos animados e toda a parafernália da Disney deles derivadas, as histórias que não foram adaptadas por esse canal ficam em segundo plano. (2001.p.143)

“Cada leitor é, quando lê, o leitor se si mesmo.”

Ligia Cadermatori citando Proust. 2009

Na seção final do meu artigo, retomo as questões que me motivaram a escrevê-lo. Iniciei sua escrita, questionando-me sobre o que as crianças conheciam dos contos infantis clássicos. Constato que, apesar da pouca circulação percebida nos ambientes escolar e extraescolar, as crianças possuem em suas memórias de leitores – ainda iniciantes – características importantes desse tipo de narrativa. Reconhecem a *Chapeuzinho Vermelho* como uma menina doce que foi atacada por um lobo “*malvado*”, e ainda são capazes de contestar versões que lhe são apresentadas, observando que, em outras histórias que viram ou ouviram, “*não era bem assim...*” Este movimento realizado pelas crianças de buscar, em suas experiências de leitura elementos já conhecidos e/ou vividos, é ilustrado por Goulemot (1996. p.13) como um

processo de “fazer emergir a biblioteca vivida, quer dizer, a memória de leituras anteriores e de dados culturais.”

No entanto, não é somente nos livros que esta construção de sentidos é feita. Com base nas gravações realizadas, o grupo demonstrou conhecer as obras contadas, através de diversos suportes e mídias, como cinema, televisão e internet. Levando em conta, também, a pouca oferta deste gênero no acervo da escola, pude perceber um possível motivo da pouca circulação dos contos clássicos nas salas de aula. Nesse sentido, vejo uma lacuna na formação do leitor literário no que tange aos clássicos, tão importantes ao repertório das emoções como já mencionado antes. Ainda é possível constatar que, dentre as diversas versões dos contos clássicos que circulam no mercado editorial no Brasil, as crianças apresentam pouco conhecimento delas, e isto ficou perceptível em suas falas e interferências durante as contações realizadas.

Ao finalizar minhas análises, percebo a importância da escola como um todo, professores/as, bibliotecários/as e pais, no incentivo da leitura. Volto a defender a relevância dos contos de fadas clássicos neste movimento de motivação dos pequenos leitores. Compartilho com Machado (2002.p.126) seu medo de que “em pouco tempo poderemos ter o pesadelo de gerações que não conseguem entender a literatura atual porque não conhecem os clássicos que a precederam.” A autora ainda destaca:

Ou seja, nem que seja apenas para poder entender tanta coisa boa que vem sendo escrita hoje em dia a partir de uma reinvenção desse gênero, os contos de fadas continuam sendo um manancial inesgotável e fundamental de clássicos literários para os jovens. Não saíram de moda, não. Continuam a ter muito o que dizer a cada geração, porque falam de verdades profundas, inerentes ao ser humano.” (2002. p.82)

Concluo acreditando que a leitura e a contação de histórias, sejam elas de contos clássicos, de fadas, de poesia ou de gibis, é de total relevância na formação literária dos jovens leitores. Acentuo, então, o papel do professor de realizar “a melhor” seleção possível para os momentos de leitura, através de boas escolhas em acervos de livrarias e bibliotecas. O que não se pode deixar de fazer é estimular o gosto e o prazer pela leitura, desde cedo, através de um bom livro, para que nossos alunos e crianças de hoje sejam futuros leitores no estilo “felizes para sempre.”

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de (coord.) *Era uma vez na escola... Formando educadores para formar leitores*. Editora Formato. Belo Horizonte. 2001.
- CADERMATORI, Ligia. *O professor e a literatura - para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte. Editora Autêntica. 2009.
- CADERMATORI, Ligia. Do conceito à consolidação: um olhar histórico In. *Revista Educação – Especial Literatura Infantil - A Aventura da Descoberta*. Pág. 6 a 13. Editora Segmento. 2012.
- COLLODI, Carlo. *As aventuras de Pinóquio – a história de um boneco*. Tradução de Ivo Barroso. Editora COSACNAIFY. São Paulo. 2012.
- COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. São Paulo. Global Editora. 2011.
- DALLA ZEN, Maria Isabel H. *Relatório de Pesquisa. Narrativas Escolares: Um Estudo Sobre Polifonia*. Porto Alegre. 2001.
- DALLA ZEN, Maria Isabel H. e HESSEL, Rosa Maria Silveira. Surpresa, captura e envolvimento In. *Revista Educação – Especial Literatura Infantil - A Aventura da Descoberta*. Pág. 50 a 61. Editora Segmento. 2012.
- GOULEMOT, Jean-Marie. Da leitura como produção de sentidos. In CHARTIER, Roger. (Org.) *Práticas de Leitura*. São Paulo. Editora Estação Liberdade. 1996.
- GOMES, Alberto Albuquerque. *Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal*, In *Eccos Revista Científica*, vol. 7, núm. 2, julho-dezembro, 2005, p. 275 a 290. Universidade Nove de Julho. Brasil. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71570203> – acessado em 09/11/2013, às 17h41min.
- GRIMM, Jacob e Wilhelm. *Chapeuzinho Vermelho*. Tradução de Samuel Titan Jr. Editora COSACNAIFY. São Paulo. 2008.
- GRIMM, Jacob e Wilhelm. *Rapunzel / Sete Corvos*. Tradução de Maria Heloisa Penteado. Editora Ática. 1998.
- KARCHER, Gládis. Brincando com as palavras e o livros na escolarização inicial. In DALLA ZEN, Maria Isabel H. e XAVIER, Maria Luisa M. (Orgs.) *Alfabetizar*. Porto Alegre. Editora Mediação. 2010.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira – Histórias e histórias*. Editora Ática. 1999.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Editora Objetiva. 2002. MACHADO, Ana Maria. *Texturas - sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 2001.

RAMOS, Flávia Broccheto e PANOZZO, Neiva Senaide Petry. As marcas da palavra e da ilustração In *Revista Educação – Especial Literatura Infantil – A Aventura da Descoberta*. Pág. 26 a 37. Editora Segmento. 2012.